

Laxmanrao Sardessai, "O Legado de Amor", 23/10/1965, p.9 & 4

Era meio dia, quando minha filha veio anunciar a visita de um Brâmane. Fui imediatamente para o salão.

Um brâmane esperava-me, na verdade. À sua visita, uma ideia feliz dilatou-me o espírito. O homem parecia fatigado. A sua expressão era algo pungente: era a de um órfão de mãe. Mas, em compensação, uma energia espiritual se reflectia no seu olhar e profundo.

Pedi-lhe comovido que se sentasse. O velho acedeu.

"Acabo de chegar de Colém", exclamou o Brâmane.

"Ah! Então deveis ter visitado o meu terreno".

"Sinto-me tão feliz, agora que vi o vosso prédio"

"Mas dizem os outros que ele é sáfaro, terra pedregosa..."

"Como são cruéis os homens...! o vosso terreno é um favo de mel...! Como ele, não há outro em todo o concelho!"

"Que ouço, senhor! Tantos o rejeitaram; o desprezaram...! e o senhor a glosar do meu palmo de terra! Pobre... que tanto desejo ver cultivada!"

"Eu a cultivarei com os meus próprios braços."

"Vós? E nessa idade? Tantas são as dificuldades..."

"É verdade que sou passante dos setenta, e já tenho o cabelo grisalho, mas conservo ainda a energia de um jovem."

"Como se explica isso?"

"É que passei a vida inteira, em companhia de *terra mãe*. E espero que em menos de um ano, poderei transformar o vosso terreno baldio em pomar frondoso. Podereis acompanhar-me hoje até lá?"

"Certamente".

Dentro de meia hora estávamos no comboio.

O comboio corria através de várzeas amareladas, rios túmidos de água, colinas de vegetação densa e plantação de palmeiras. Por vezes avistava-se ao longe a praia, que logo se perdia de vista.

De vez em quando, o brâmane tirava a sua tabaqueira e aspirava com deleite uma pitada de rape, continuando a falar.

"Em que vós ocupais" perguntei. O rosto do Brâmane assombrou-se um pouco. Depois começou a falar lentamente: "A Nossa família sempre serviu a terra. Eu trabalho na terra desde a infância. Mesmo naquela idade, eu sabia precisamente o número de bananeiras e arequeiras que havia na quinta.

Sabia o número de bananas de cada cacho. Numa palavra eu sabia tudo.

Minha mãe quis fazer de mim um Pandit. Que seja Pandit aquele que queira a celebridade, nada disso me interessava. Riqueza, glória, fama – nada disso ambicionava passava todo o dia na minha terra. Como ela era bela! A água, vinda de montanha, corria nos canais que serpenteavam na quinta. Tinham-se plantado bananeiras, arequeiras em filas paralelas, de sorte que se podiam contar todas dum extremo.

“Já homem, meus pais insistiam no meu casamento, mas eu identificado com as plantas, oferecera todo o meu ser à quinta, à minha amada. Amor perfeito! Amor desinteressado. Não era a perspectiva de lucros que me ligava à terra. Se regava a terra com o suor do meu rosto não era porque me sustentava. Não. Para mim a vida seria impossível sem o fazer. Absorvido nas mil e uma fainas da quinta, eu andava alheio ao resto do mundo. A quinta era o meu mundo, a minha vida.

Direis que sou um louco, que ninguém, amou jamais a terra desta forma. Pois bem. O meu amor só o recebe quem o deu. As árvores falavam comigo. Eu compreendia a sua felicidade e a sua desgraça.

Pensais porventura que os animais não nos falam? Pensais na verdade que as crianças que não sabem exprimir não nos dizem nada? Todas elas falam. Mas é preciso termos um coração sensível para os compreender. Como vivem as crianças? Como elas crescem? Onde lhes vem a vitalidade? Onde deriva a seiva da vida? Da alimentação? Do vestuário? Não. A mãe vos dirá que é o seu amor que as faz viver e crescer. É graças ao seu amor que toda a vida se expande, sem ele tudo perece.”

Dá-se o mesmo com a terra, o nosso olhar, as nossas carícias, tem um poder que os melhores estrumes não possuem. Se cada dia, vós cuidardes duma planta, se a regardes com o vosso amor – vereis em breve que ela medra de uma forma extraordinária, e tereis esta experiência. As vossas forças crescem, e o campo da vossa facilidade se vai dilatando.

Passaram anos... perdi meu pai, e mais tarde minha mãe. Até a idade de 22 anos, nunca, a ideia do casamento penetrara o meu espírito. Um dia adoeci. Foi-me insuportável a ideia de que em minha casa não havia quem cuidasse da minha terra. E depois? Que seria do meu arecal, se em morresse um dia? Era pois preciso que eu casasse... Minha mulher e meus filhos deviam crescer num ambiente de veneração e amor pela Terra. E se ao cabo

(Segue na Página 4)

da minha existência eu nada tivesse para lhes dar, ao menos poderia deixar-lhes em herança este amor eterno. Não fizeram o mesmo os meus antepassados?

Quantos séculos não teriam eles vivido sobre este, terreno. Morreram, sim, mas o terreno que legaram é eterno. Não era pois meu dever comunicar esta chama aos meus filhos?”

Casei. A minha casa retinia agora com o riso alegre de novos entes. A vida cumulou-me de felicidade, e a minha terra, da maior felicidade ainda. E toda a gente que era raro ver-se um terreno, como o meu, em toda Goa. A minha quinta era o símbolo da bondade e generosidade do nosso País.

Decorreriam assim os setenta anos da minha vida. Poderia bem dizer setenta dias. Um dia, um funcionário veio comunicar-me que a minha terra já não me pertencia. Instaurei um processo, mas não ganhei a causa. Foi para mim um choque. Era como se a minha alma me tivesse abandonado. Jamais poderia viver sem a minha terra. Minha mulher e meus filhos, deixaram a quinta, nas eu, por três dias e três noites, continuei a errar por entre as árvores como um louco. No quarto dia, porém, forçado a partir, abracei minhas árvores, e chorei! Depois pus-me à procura de um terreno novo, e fui encontrá-lo em Colém. O meu coração saltou de alegria. Este terreno negro parecia implorar o meu auxílio.

Tinha o aspecto desolador duma mulher destituída da fortuna da fecundidade.

Peguei depois no seu mate vermelho. Acariciei-o entre os dedos, aspirei o seu perfume e sonhei...

De novo estava intensificado com a terra. Parecia que tinham desaparecido todas as minhas fadigas, os achaques da minha velhice.

Senti o pungente apelo dessa terra ansiosa de carícias humanas. Em fim Deus tinha ouvido as minhas preces.

Desejava agora criar nesse terreno árido um novo mundo em que abundassem flores e frutos. Desejava saciar com as correntes de água os seus profundos sulcos e convidar os pássaros a construir os seus ninhos. Eu antevia ali meu paraíso mimoso.”

E o Brâmane estava a tagarelar.

Mal o comboio parou em Colem fomos para o meu prédio.

E enquanto o homem parecia jubilante magoava-me o estado desolador do terreno. O brâmane, porém, saltava e dançava como um petiz à vista dum novo brinquedo.

Ri-me da sua loucura e perguntei a mim mesmo: “Como poderia transformar, esse homem, esta gleba num pomar?”

Decorreram mais três anos.

Durante este tempo não cheguei a visitar a minha quinta. Desejava tanto vê-la, mas as minhas tarefas me impediam de fazer. Cada ano o Brâmane vinha pagar-me a renda, renovava o pedido de que eu fossa visitar a quinta.

No quarto ano, quando o velho apareceu notei nele uma grande mudança. Pagando-me o dinheiro da renda ele exclamou “Senhor, não deixeis de ver e a terra ao menos dessa vez. Não sou já o mesmo de outrora. A minha

grandiosa tarefa tem-me esgotado por completo, caminho para a morte. “

As suas palavras comoveram-me. Pus de parte o meu trabalho para o acompanhar. “Desculpai-me” disse eu. “Não soube corresponder ao vosso sacrifício.”

E nós partimos. Poucas horas depois estavam em Colém.

Descemos a colina. O Brâmane estava ansioso de apresentar-me a sua obra tal qual uma mãe ansiosa de entregar ao seu marido o seu recém-nascido filho.

Logo que nos avistaram, a esposa do Brâmane e os quatro filhos correram para nós. As suas faces brilhavam com a mesma pureza e alegria. Os seus olhos exprimiam o mesmo amor da terra.

“Vamos dar um passeio pela quinta” disse o Brâmane avançando, difícil calcular os esforços que me tem custado a cultura desta terra. Aqui não havia nem água nem uma cabana como vós sabeis. E sem água e homens nada era possível. E quando nos primeiros meses abri os canais nesta terra pedregosa, qual não foi o meu alvoroço ao ver este solo mitigar pela primeira vez a sua sede aos primeiros jactos de água.

Depois entramos na plantação. Estas, com suas largas e compridas folhas, em centenas de fileiras entremisturando-se formavam um imenso toldo verdejante.

“Não pensais vós que nos os hindus temos o nosso sentimento religioso associado intimamente com a noção de árvore? Contemplai estas bananeiras, observai os seus caules brancos e direitos, a densa coroa das suas folhas. Não simbolizam essas árvores a pureza a magnanimidade da religião védica?”

Por bom tempo nós andamos na quinta a visitar cada canto, cada fonte, cada árvore. Comi bananas e outros frutos que o Brâmane colhia e me oferecia. E mais do que tudo a sua eloquência colorida pela paixão da terra me interessava tão vivamente que mal eu sabia que estávamos a conversar por duas longas horas.

Enfim, deixei a quinta. O Brâmane acompanhou-me até ao seu cerco. Sentimos de gratidão e admiração inundaram a minha alma. Esse homem tão ignorante e tão ignorado, tão indiferente à erudição e às glórias do mundo, esse homem tinha criado um mundo. Ele estava quites da sua dívida para com a terra mãe.

X

Alguns dias depois recebeu um telegrama que me chamava imediatamente a Colém.

Quando cheguei às proximidades do meu prédio eu avistei o fumo que se elevava no céu. Eu corri dóido! E soube em breve do passamento do meu

adorado Brâmane.

A cremação do corpo estava consumada. Prostrei-me no chão arrastado por emoções dominantes. Voltei para a casa do herói malgrado. Toda a família chorava de solado a sua morte. Senti-me tão pequeno para consolar na sua dor.

Eu disse apenas de hoje em diante esta terra pertence-vos a vós meu filhos. É o legado dessa graúda alma que a cultivou e a tornou fértil e se sacrificou por ela. Conservai, meus filhos esses seu precioso legado, o legado de amor da terra.

A fumaça subia espalhando por todo o céu a sublime mensagem do Brâmane.